



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

DIONE ALVES DE OLIVEIRA

**AS RUGOSIDADES NA PAISAGEM DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE
– PB: A RIQUEZA CULTURAL DE UM PATRIMÔNIO MATERIAL EM ART DÉCO**

**Campina Grande-PB
2019**

DIONE ALVES DE OLIVEIRA

**AS RUGOSIDADES NA PAISAGEM DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE
– PB: A RIQUEZA CULTURAL DE UM PATRIMÔNIO MATERIAL EM ART DÉCO**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia, apresentado ao curso de geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciatura em geografia.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa

Campina Grande-PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48r Oliveira, Dione Alves de.
As rugosidades na paisagem da feira central de Campina Grande – PB [manuscrito] : a riqueza cultural de um patrimônio material em *Art déco* / Dione Alves de Oliveira. - 2019.
67 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa ,
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."
1. Feira livre. 2. Paisagem. 3. Marginalização espacial. 4. Patrimônio cultural. 5. Arquitetura déco . I. Título
21. ed. CDD 361.18

DIONE ALVES DE OLIVEIRA

**AS RUGOSIDADES NA PAISAGEM DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE
– PB: A RIQUEZA CULTURAL DE UM PATRIMÔNIO MATERIAL EM ART DÉCO**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia, apresentado ao curso de geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciatura em geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa.

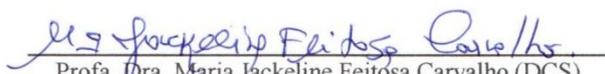
Área de concentração: Ciências Humanas

Aprovada em: 13.12.2019

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa (DG)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientador


Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde (DG)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador


Profa. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho (DCS)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Ao meu geógrafo preferido, Suênio Pereira, que carinhosamente chamava de tio Su (*in memoriam*), pela contribuição educacional, profissional e espiritual em minha trajetória, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço hoje, Aquele que nunca me desamparou, que é a razão da minha fé e o motivo pelo qual caminho esperançosa, Deus, obrigada por esta conquista. Aos meus pais (João e Gilvanilda) que sempre priorizaram minha educação, entendendo que essa seria a maior herança que eles poderiam me dar, para assim desfrutar do conhecimento adquirido e alcançar os meus objetivos. Reconheço todos os esforços de vocês, demonstrados de formas diferentes, mas não menos amoroso. As minhas irmãs (Geralda, Simone, Danielly) pela parceria de vida e cuidado, aos oito sobrinhos pelas alegrias proporcionadas, em especial, a minha xodozinha, Kauanny Gabrielly, ajudante na pesquisa, sempre ao meu lado, meu amor de todos os dias.

Aos meus amigos, que caminharam comigo essa jornada, me incentivando, puxando minha orelha quando necessário, muito obrigada. Mas, não poderia deixar de citar os que de maneira direta estiveram lado a lado comigo, em meio a tantas emoções e aventuras que o curso me proporcionou, as minhas amigas Jéssica e Aline, vocês foram meu suporte durante os dilemas acadêmicos. Aos colegas de curso pelos momentos de amizade e apoio, desejo sucesso na caminhada.

A minha (tia) ainda que postiça Ceiça Davi, por todas as revisões textuais pacientemente realizadas, a senhora sempre esteve comigo em momentos que me exigiram muita coragem, agradeço pelas orações e palavras otimistas de que tudo ia dar certo.

Ao meu orientador Antônio, pela paciência, gentileza e encorajamento ao longo das orientações, um mestre que oferece um aporte de conhecimento imenso e que tem toda a nobreza em repassar o que sabe, foi uma honra tê-lo como professor e orientador.

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, em especial, Jackeline Feitosa e Arthur Tavares que contribuíram ao longo da minha jornada acadêmica, por meio do GEUR (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Urbano) através de estudos, extensão, disciplinas e debates.

A equipe da Escola Maria Cândida de Oliveira, pelas incontáveis oportunidades de atuar em um ambiente educacional comprometido, unido e competente. Vocês, certamente, contribuíram para o meu desenvolvimento profissional, e hoje, a professora que obtém o título formal, tem muito de cada uma de vocês.

Agradeço imensamente por tudo!

“Só perde o sentido aquilo que no presente
não é percebido como visado no passado.”

Walter Benjamin.

OLIVEIRA, Dione Alves de. **As rugosidades na paisagem da Feira Central de Campina Grande-PB: a riqueza cultural de um patrimônio material em Art Déco.** Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, 2019, 67 fl. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as transformações da paisagem em relação as rugosidades das edificações em estilo arquitetônico *Déco* presentes na Feira Central de Campina Grande-PB. Tal ideia nasceu das inquietações ao observar o abandono e a deterioração deste Patrimônio Cultural presente neste espaço de Campina Grande. Uma parte considerável dessas edificações constitui o que se denominou de *Déco* Sertanejo, por apresentar formas mais simples, o que representou uma adaptação do estilo criado na Europa à cultura regional. Entende-se ainda que o trabalho tem importância tanto para o momento atual, no qual a Feira foi reconhecida, em setembro de 2017, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como Patrimônio Cultural Imaterial, resultado das formas nela presentes, como pelos fazeres e viveres que nela se realizam, mas também por registrar essas formas, o que pode ser uma contribuição significativa para estudos que venham a ser desenvolvidos em momentos futuros. O desenvolvimento deste trabalho se deu através de pesquisas de campo e bibliográficas dentro da área de conhecimento da geografia urbana e histórica de Campina Grande, analisou-se a trajetória da Feira até os dias atuais através de observação *in loco* e registros fotográficos, que possibilitaram a análise das edificações inseridas neste espaço. Como embasamento teórico utilizou-se a categoria paisagem, igualmente importante para se refletir sobre o objeto de estudo, conceitos como o de patrimônio cultural, rugosidade e marginalização espacial.

Palavras chave: Paisagens. Rugosidade. Marginalização Espacial. Patrimônio cultural. Arquitetura *Déco*.

OLIVEIRA, Dione Alves de. **As rugosidades na paisagem da Feira Central de Campina Grande-PB: a riqueza cultural de um patrimônio material em Art Déco.** Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, 2019, 67 fl. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia).

ABSTRACT

This work aims to discuss the landscape transformations in relation to the roughness of buildings in architectural style *Déco*, found at the Central Fair of Campina Grande-PB. This idea came up as a result of observing the abandonment and deterioration of this cultural heritage found in this area of Campina Grande. A considerable part of these buildings is made up of what is called the *Sertanejo Déco*, for demonstrating simpler structures, representing a regional culture adaptation of the style created in Europe. It is also understood that the work is important both for the current moment in which the Fair has been acknowledged in September 2017 by *IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)* as an intangible cultural heritage, a result of the structures present in it, as well as the activities and dwellings that take place in it, but also for recording these structures, which can be a significant contribution to future studies which can be developed in the future. The development of this research was conceived through a bibliographical search within the urban geography knowledge area, analyzed the trajectory of the fair to the present day with on-site observation, made photographic records, which enabled the analysis of buildings inserted in this area. The landscape category was used as a theoretical basis, but it was equally important to reflect on the study concept of the object such as cultural heritage, roughness, and spatial marginalization.

Keywords: Landscapes. Roughness. Spatial Marginalization Cultural Heritage. Déco architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Mapa de localização do Município de Campina Grande-PB	16
Figura 02 -	Mercado de Baltazar Luna.....	18
Figura 03 -	Grupo Escolar Solon de Lucena	19
Figura 04 -	Mercado de Alexandrino Cavalcante na atual Rua Maciel Pinheiro.....	19
Figura 05 -	Mercado Público de Campina Grande.....	20
Figura 06 -	Feira de Frutas (Venâncio Neiva e Lago da Luz)	21
Figura 07 -	Localização da Feira Central na malha urbana de Campina Grande.....	22
Figura 08 -	Localização das ruas ocupadas pela Feira Central de Campina Grande.....	23
Figura 09 -	Parte da fachada do Cassino El Dourado sustentada por vigas.....	25
Figura 10 -	Fachada do Cassino El Dorado ainda completa, mas apresentando o descaso em sua estrutura.....	26
Figura 11 -	Casarão mais antigo da Feira Central, denominado de Pau do Meio.....	28
Figura 12 -	Fachada principal localizada na rua Dr. Carlos Agra.....	31
Figura 13 -	Fachada lateral na rua Manoel Pereira de Araújo.....	31
Figura 14 -	Edificações localizadas na Manoel Pereira de Araújo.....	32
Figura 15 -	Edificações localizadas na Manoel Pereira de Araújo.....	32
Figura 16 -	Fachada em decadência na rua Manoel Pereira de Araújo	33
Figura 17 -	Fachada em decadência na rua Manoel Pereira de Araújo.....	33
Figura 18 -	Fachada bem conservada no Estilo Arquitetônico Déco.....	34
Figura 19 -	Edificação localizadas na Manoel Pereira de Araújo.....	34
Figura 20 -	Edificação localizadas na Manoel Pereira de Araújo.....	35
Figura 21 -	Fachada com traços de abandono.....	35
Figura 22 -	Edificação localizadas na Manoel Pereira de Araújo.....	36
Figura 23 -	Edificação localizadas na rua Pedro Álvares Cabral.....	37
Figura 24 -	Prédio guardando traços em Art Déco.....	37
Figura 25 -	Fachada com a presença de arquitetura antiga.....	38
Figura 26 -	Lateral da fachada na rua Dr. Carlos Agra.....	38
Figura 27 -	Lateral da fachada na rua Dr. Carlos Agra.....	39
Figura 28 -	Fachada atual na rua Dr. Carlos Agra	39

Figura 29 -	Fachada totalmente modificada	40
Figura 30 -	Lateral da edificação localizada na rua Pedro Álvares Cabral.....	40
Figura 31 -	Edificação localizada na rua Pedro Álvares Cabral.....	41
Figura 32 -	Edificação localizada na rua Pedro Álvares Cabral.....	41
Figura 33 -	Edificação localizada na rua Pedro Álvares Cabral	42
Figura 34 -	Edificações localizadas na rua Pedro Álvares Cabral.....	42
Figura 35 -	Fachada da edificação localizada na rua Pedro Álvares Cabral	43
Figura 36 -	Edificação marcada pelo abandono e pichação.....	43
Figura 37 -	Parte inferior da edificação marcada pelo abandono e pichada	44
Figura 38 -	Edificação localizada na rua Pedro Álvares Cabral.....	45
Figura 39 -	Edificações localizadas na rua Pedro Álvares Cabral.....	45
Figura 40 -	Edificação localizada na rua Pedro Álvares Cabral.....	47
Figura 41 -	Lateral conservada evidenciando a Arquitetura Déco	48
Figura 42 -	Edificação localizada na rua Marcílio Dias.....	48
Figura 43 -	Parte inferior da edificação localizada na rua Marcílio Dias	49
Figura 44 -	Edificação localizada na rua Marcílio Dias.....	50
Figura 45 -	Edificação localizada na rua Marcílio Dias	50
Figura 46 -	Edificação localizada na rua Marcílio Dias.....	50
Figura 47 -	Edificação localizada na rua Marcílio Dias.....	51
Figura 48 -	Fachada de residência bem conservada	52
Figura 49 -	Armazém localizado na rua Dr. Carlos Agra	52
Figura 50 -	Armazém localizado na rua Dr. Carlos Agra.....	53
Figura 51 -	Lateral do Mercado Novo	53
Figura 52 -	Armazém localizado na rua Dr. Carlos Agra.....	54
Figura 53 -	Edificação abandonada	54
Figura 54 -	Edificação localizado na rua Manoel Farias Leite	55
Figura 55 -	Edificações localizadas na rua Cristovão Colombo.....	55
Figura 56 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo.....	56
Figura 57 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo.....	56
Figura 58 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo	57
Figura 59 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo.....	57
Figura 60 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo.....	58
Figura 61 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo	58

Figura 62 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo	58
Figura 63 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo.....	59
Figura 64 -	Edificações localizadas na rua Cristovão Colombo.....	59
Figura 65 -	Edificação localizada na rua Cristovão Colombo	60
Figura 66 -	Edificação entre as ruas Quebra Quilos e Cristovão Colombo.....	60
Figura 67 -	Edificações localizadas na rua Quebra Quilos.....	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A ORIGEM DA FEIRA CENTRAL E SUA INFLUÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB..	14
2.1	Localização da área de estudo.....	15
3	DIMENSÃO HOLÍSTICA DA PAISAGEM COMO CATEGORIA GEOGRÁFICA	23
4	A PAISAGEM DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA FEIRA CENTRAL	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	REFERÊNCIAS	63

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as paisagens da Feira Central de Campina Grande, na qual se destaca a arquitetura *Déco*, introduzida no espaço urbano da cidade entre o final da década de 1930 e início de 1940, após a reforma urbanística ocorrida no centro comercial, realizada pelo Prefeito Vergniaud Wanderley. A sua gestão se apoiava em políticas de cunho sanitarista, uma vez que a população da cidade crescia de maneira acelerada, ocupava os espaços de forma irregular e vivia em ambientes precários de saneamento básico, o intuito desta higienização era deslocar a população pobre e os cortiços que ocupavam a área central, para embelezá-la. A cidade, em tal momento, vivia no auge de seu crescimento econômico e era necessário adotar uma linguagem própria da época (Era Vargas), de adesão ao progresso.

Partindo desse pressuposto, a concepção do Prefeito de Campina Grande nesse período era de simulação de ascensão social para a cidade, que deveria se fazer presente em um aparente desenvolvimento urbano, caracterizado por espaços modernizados. Preteriram-se a altos custos sociais e ambientais um desenvolvimento inteiramente econômico, em um discurso que se embasava na segregação espacial e social, posto que a população menos favorecida deveria ficar longe das áreas centrais. Entretanto, a reforma central não se resumiria apenas as camadas mais pobres, mas a uma parcela das elites que habitavam em casarões na famosa Rua Grande, atual Maciel Pinheiro, que sofreu com as desapropriações para que assim, fossem incorporadas novas edificações e sobrados, como também aderir a um espaço inteiramente comercial.

Nessa época é notório que essa concepção de modernidade que estava surgindo nas cidades brasileiras se embasava nas práticas europeias, trazendo consigo o ideário de construções contemporâneas e alargamentos de ruas, que possibilitassem o fluxo do homem e dos automóveis; e a mudança de hábitos da população, em relação ao controle de doenças, que de forma direta o remodelamento tras um caráter de preventivo contra tais epidemias, uma vez se preocupa com as questões sanitárias.

Assim, o esplendoroso Cassino El Dorado, localizado na Feira Central, em seu apogeu aderiu a manifestação arquitetônica do *Art Déco*, símbolo de luxuosidade e modernidade, que após ser incorporado as áreas centrais alcança também, o subúrbio em que o mesmo está situado, em decorrência do auge econômico que se vivia no momento. Atualmente é a edificação mais conhecida no espaço da Feira, por sua importância na memória da população local.

O *Art Déco*, estilo arquitetônico em ascensão, não deixou sua marca apenas no Cassino El Dorado. Existem outras edificações abstrusas tanto no conhecimento popular quanto na invisibilidade provocada pela poluição visual, somada à distribuição irregular das barracas e na má conservação deste patrimônio cultural.

Tais influências permitem que a Feira Central seja um espaço de diferentes interesses, inclusive o da pesquisa científica. De acordo com essa perspectiva, a relevância deste trabalho está em identificar o patrimônio arquitetônico do *Art Déco* ainda existente na Feira Central de Campina Grande–PB. Desta forma, pretende-se registrar as rugosidades deste estilo arquitetônico na paisagem em questão, mostrando as transformações da mesma a partir das modificações que vêm ocorrendo nestas edificações e explicando a importância deste espaço para patrimônio cultural material e imaterial em Campina Grande.

Para execução de tal pesquisa, usou-se inicialmente o levantamento bibliográfico relacionado à área do conhecimento da geografia urbana, depois partiu-se para observação *in loco* com os registros fotográficos. O método dialético e qualitativo permeia o trabalho, e a categoria paisagem foi utilizada como fundamentação de elaboração teórica do objeto de estudo.

Deste modo, foi possível dar andamento ao referido estudo, estruturando-o em três capítulos: o resgate da história da Feira Central de Campina Grande-PB, para que se pudesse entender inicialmente como a mesma se constituiu de maneira relevante para a cidade; no segundo momento caracterizou-se o objeto de estudo dentro da categoria geográfica paisagem, para assim, ser possível fazer o recorte e a análise deste; finalizando, foi abordado à importância do patrimônio histórico, fazendo um resgate da sua trajetória, enquanto órgão de proteção cultural e estrutura, fomentando padrões de preservação para que a história do Brasil fosse resguardada. Nessa perspectiva, os agentes sociais que compõe a Feira Central de Campina Grande – PB, elencaram documentos e informações para obtenção do título de Patrimônio Histórico Cultural Imaterial do Brasil.

Portanto, tal pesquisa propõe-se evidenciar as edificações que compõem o acervo em *Art Déco* Sertanejo, inserido na Feira Central de Campina Grande, ratificando a importância do conhecimento e da conservação por parte da população e do poder público.

2. ORIGEM DA FEIRA CENTRAL E SUA INFLUÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.

O início da Feira Central de Campina Grande se confunde com a fundação da cidade, uma vez que a mesma era ponto de parada de tropeiros e boiadeiros que vinham do Brejo, Sertão e Litoral, onde se abasteciam de mercadorias que tinham a finalidade de suprir as necessidades de consumo de tais regiões, visto que havia uma especialização produtiva relacionada a fatores edafoclimáticos que não permitia que todos os bens de consumo fossem produzidos pelas populações dessas distintas regiões.

Historicamente as feiras cresceram através das trocas de produtos dando início aos aglomerados de pessoas que tinham objetivos comuns, intensificou-se assim, as relações comerciais em que a moeda passou a ser o equivalente geral na mediação das trocas.

O comércio, desde os primórdios é uma maneira utilizada pelos homens para promover o desenvolvimento das cidades e regiões. A partir dessa perspectiva associa-se o crescimento de Campina Grande as relações comerciais, em especial, presentes na sua feira, espaço a partir do qual o aglomerado de pessoas foi se estabelecendo.

Esse setor comercial em Campina Grande engloba os trabalhadores formais, mas, principalmente os de origem informal, que segundo Santos *apud* Costa (2003, p. 113), é um setor que está bastante presente no circuito inferior que "é formado de atividade de pequena dimensão e interessa principalmente as populações pobres, é, ao contrário do (circuito superior), bem enraizado e mantém relações privilegiadas com a região". Esse tipo de comércio se configura no resultado indireto das transformações vividas no espaço, que atende a população mais desprovida economicamente, um circuito que privilegia a região. Nesta perspectiva a feira, atende a uma parcela da população economicamente menos favorecida tanto no suprimento do consumo como na esfera da sobrevivência pelo trabalho.

Por ser o principal setor que impulsionou inicialmente o desenvolvimento da cidade, a Feira, que se iniciou na Rua Vila Novo da Rainha e posteriormente ocupou outros espaços da cidade, mostrou tal importância refletida nas disputas políticas das elites locais.

A localização das feiras em Campina Grande e povoações do município [...] era matéria da maior relevância para os partidários locais. Servia de sinal para demonstrar quem estava no poder. Ao se dar à alteração partidária, logo cuidava os próceres da política campinense, a partir do meado do século, da mudança da feira. [...] E de tal forma se tornara infalível a prática, divulgada além das fronteiras do município, que em penetrando qualquer forasteiro na cidade, procedente dos sertões distantes, não precisaria indagar para seu governo qual o partido que estava em

cima. Bastaria olhar silenciosamente para o lado em que estava a feira. (ALMEIDA apud SILVA; QUINTELLA, 2003, p. 14)

Apesar das mudanças bruscas de localidade, a feira não perdia sua importância econômica e cultural, haja vista representar importante espaço de circulação de mercadoria, sendo fonte de desenvolvimento para a cidade e toda a região.

Considerando que o território, uma vez que ele "é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder" (Souza, 2008, p. 78). A feira se constituiu como um território das elites locais e por isso um espaço de poder. As forças políticas da época exerciam seu poder no momento em que era definida uma nova localidade da feira, cada vez que um grupo político era eleito.

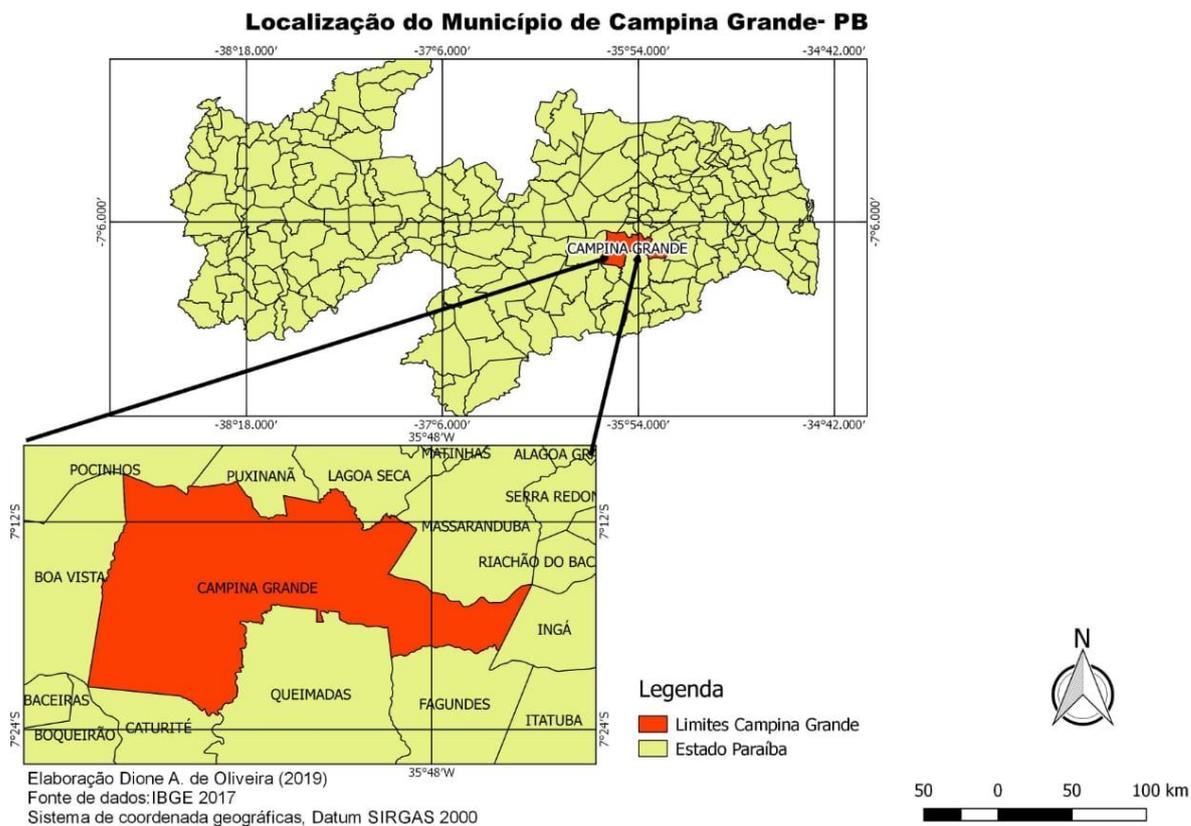
Historicamente a feira adquire uma importância cultural, a partir da interação dos indivíduos, havendo assim uma junção de várias localidades estabelecendo laços culturais de sociabilidade, em que essas relações, de maneira imbricada, se tornam parte integrante de um todo.

2.1. Localização da área de estudo

A área de estudo está localizada na cidade de Campina Grande-PB, cujo Município faz parte da mesorregião do Agreste Paraibano. A cidade é o centro urbano hierarquicamente mais importante da microrregião de Campina Grande, possui uma área territorial de 593.023 km², apresentando, as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: -7° 12' 24" Sul e Longitude: -35° 54' 25,69" Oeste (IBGE, 2010). Limita-se ao norte com os municípios de Lagoa Seca, Massaranduba e Puxinanã, ao sul com os municípios: Caturité, Queimadas e Fagundes, ao Leste com o município de Riachão do Bacamarte e ao oeste município de Boa Vista. (Figura 01)

Como mencionado anteriormente Campina Grande era ponto de parada dos agentes econômicos (tropeiros e tangerinos) que vinham de várias localidades do estado da Paraíba, trazendo mercadorias para venda e troca e em sua feira se abastecia, para continuar a jornada sertão adentro ou no intuito de intercambiar mercadorias para as populações dos distantes rincões da província da Paraíba.

Figura 01. Mapa de localização do Município de Campina Grande-PB



O contexto de ocupação dos agrestes se dá em um período no qual a cana de açúcar estava sendo produzida em larga escala e a criação de gado era uma atividade que lhe servia de apoio. Apesar da pecuária extensiva não ter sido uma atividade que rendesse grandes lucros, os criadores de gado tinham preferência por esta atividade porque não requeria cuidados exacerbados e desse modo ela foi permanecendo mesmo não sendo tão rentável, nesse processo que separa a plantation e o criatório da agricultura de alimentos, que se tornaria comercial mais tarde. (ANDRADE, 1998, p. 139)

Assim, surgiram os grandes fazendeiros e a produção excedente da fazenda era comercializada em pequenas instalações, como aponta Andrade (1998, p. 139)

[...] formavam, assim, estabelecimentos com economia própria que se auto-abasteciam, pois era uma área onde, devido à movimentação do relevo, se tornava difícil abastecer-se com produtos de outra região. Só o gado, que se autotransportava.

Nesse sentido a topografia do Agreste dificultava o recebimento de mercadorias de fora, fazia-se necessário se sustentar do que a mesma oferecia, sendo esta agricultura alimentar o embrião de uma agricultura comercial e da importância das feiras nos agrestes nordestino.

Esse processo de comercialização que começava a dar seus primeiros passos se redefine quando as secas começaram a castigar. O plantio e as pastagens para o gado não se desenvolviam adequadamente, a densidade da população do Agreste já havia começado a ser elevada e os grupos de pessoas que se empenhavam na agricultura começaram a se deslocar do Agreste para os brejos, povoando-o. Deste modo, começou a surgir “sítios e pequenas vilas” ANDRADE (1998, p. 142), que mais tarde se integrariam através das rotas de viagens quando os forasteiros saíam em busca dos produtos que faltavam em suas regiões impulsionando as trocas de mercadorias.

Tal contribuição de Andrade (1998) ajuda a entender a importância que geógrafos e historiadores dão a localização de Campina Grande, situada no Agreste, zona de transição entre a Mata Úmida e os Sertões Semiáridos, mas também próxima do Brejo, que pela umidade orográfica se tornou em uma importante área produtora de alimentos. É também através de tal contexto que surge e se desenvolve sua Feira, esta que viria a ser a mais importante do interior nordestino.

Inicialmente a Feira de cereais se localizou no sitio Barrocas, atualmente, Rua Vila Nova da Rainha, abastecia localidades distantes, fato que fez com que a Feira se consolidasse, pois as populações das redondezas que moravam em sítios e se sustentavam do que produziam, posteriormente encontraram uma forma de comercializar o excedente de suas produções e com o dinheiro adquirido nessas transações comprar os bens que não produziam.

A partir da construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, houve o deslocamento da feira para o Largo da Matriz, local próximo à cadeia municipal na Rua Floriano Peixoto, em 1826 seria construído o Mercado de Baltazar Luna (Figuras 02 e 03) a feira foi transferida para frente deste. Em 1864, o comerciante Alexandrino Cavalcante construiu o seu mercado e a Feira passa a se alocar na Rua do Seridó, atual, Maciel Pinheiro (Figura 04), que tinha um melhor acesso para os viajantes advindos de outras localidades. Assim, como aponta Câmara, 1999, p.73 Câmara, 1999, p.73 *apud* Costa, 2003, p. 104 tal localização “foi estratégica, pois dava acesso fácil aos brejeiros, ao mesmo tempo que (sic!) os sertanejos pela frente, carregavam para o largo do Rosário e Açude Novo, tudo a dois passos das casas de rancho, que ficavam próximos ao Cemitério das Boninas”.

Figura 02 - Mercado de Baltazar Luna



Fonte: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/05/feira-central-ocoracaodecampina.html#.Xevr5c57mJB>>
Demolido em 1926.

Figura 03 - Grupo Escolar Solon de Lucena



Fonte: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2011/02/o-grupo-escolar-solon-de-lucena.html#.Xevubc57mJB>>
Construído no local do antigo Mercado de Baltazar Luna. Atualmente museu Assis Chateaubrind da FURNE.

Figura 04 - Mercado de Alexandrino Cavalcante na atual Rua Maciel Pinheiro



Fonte:<<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/03/memoriafotograficamudancasnarua.html#.Xev4hM57mJA>>

A Feira se configurava como uma potencialidade econômica da época, em virtude disto, políticos como Baltazar Luna e Alexandrino Cavalcante de partidos distintos, liberais e conservadores, disputavam por sua posse de acordo com a conveniência de cada um. Assim, a localização da Feira ficava a mercê do grupo que então vencesse as eleições locais. Isso só iria mudar após as concepções de higienização e modernidade dadas pelo governo de Bento Figueiredo que deslocaria a feira para se fixar no atual espaço, construindo um novo mercado (Figura 05), agora não mais particular, público, localizado no bairro das Piabas ou dos Currais e que mais tarde foi incorporado ao Centro da cidade.

Figura 05 - Mercado Público de Campina Grande



Fonte:<<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/05/feira-central-ocoracaodecampina.html#.Xev6Fs57mJD>>

Iniciado em 1939 pelo Bento Figueiredo e inaugurado em 1941 pelo Prefeito Vigneaud Wanderley.

Em 1925 a Feira ganha um novo mercado permanecendo na mesma localidade, em que abrangia segundo CÂMARA (1998, p. 138) “a maior do setentrão brasileiro e que, nos sábados e quartas, se realizava no centro da urbs, ocupando várias artérias (Rua Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva, Princesa Isabel, Monsenhor Sales e praças Epitácio Pessoa, Largo da Luz (Figura 06) e Cristiano Lauritzen”

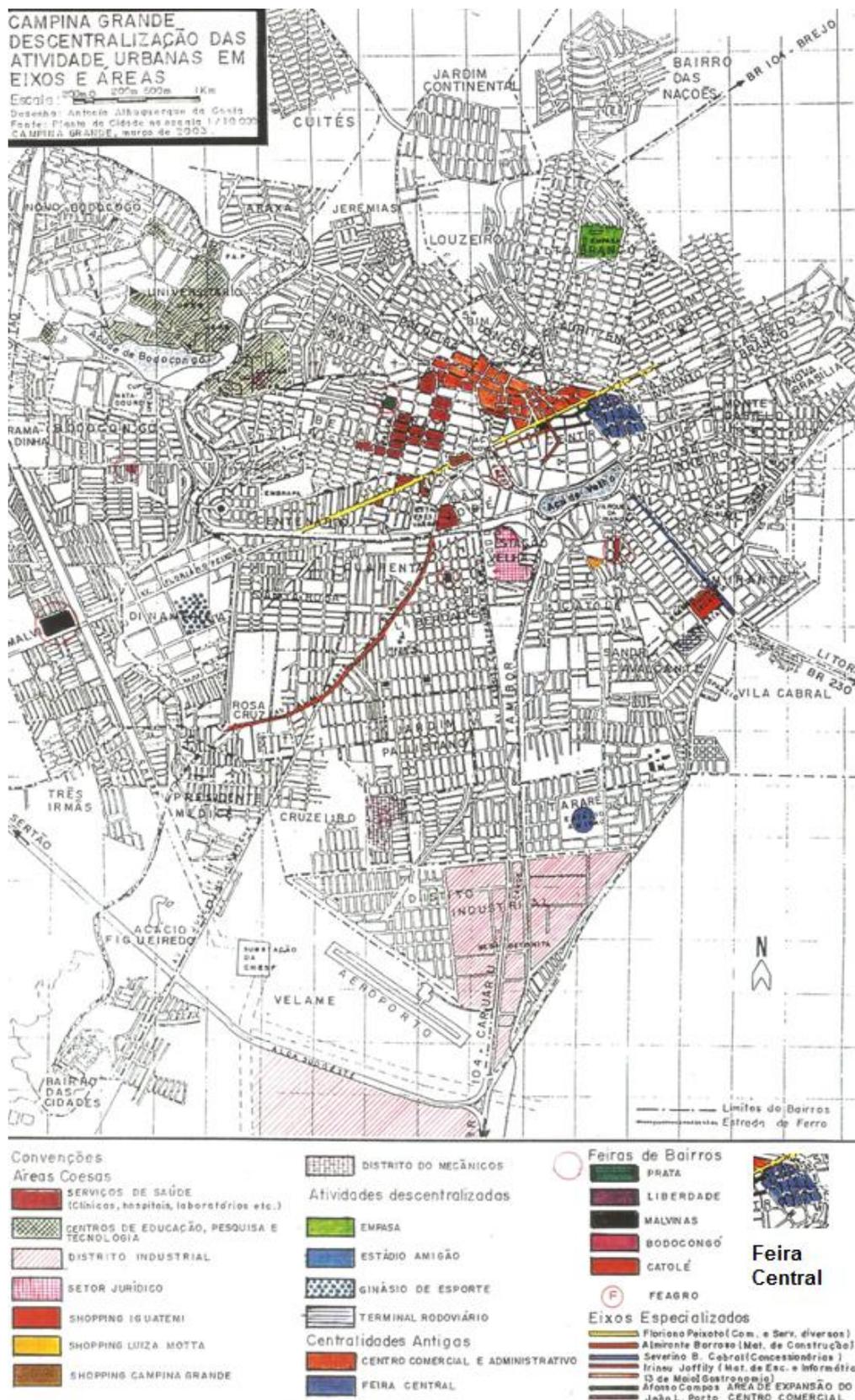
Figura 06 - Feira de Frutas (Venâncio Neiva e Largo da Luz)



Fonte:<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/07/top-10-fotos-do-passado-decampina.html#.Xev9h857mJA>

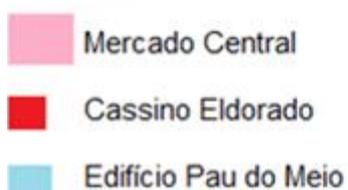
Desta forma, observa-se que a feira de Campina Grande que surge a partir de um comércio que inicialmente era efêmero, foi o princípio de uma sequência de avanços que contribuíram para que a cidade chegasse ser reconhecida como polo regional, pois, como afirma Sá (1986, p.191) *apud*, Costa (2003, p.42) “deveu-se vários fatores dos quais predominam um de ordem econômica (a produção e comercialização do algodão) e outro de ordem física (posição geográfica)”, passando posteriormente a possuir estruturas físicas fixas, chamada de Feira Central, local onde se vende uma gama de produtos, possuindo, assim, vários setores. A Feira Central está localizada no Centro da cidade de Campina Grande, abrangendo as ruas Manoel Pereira de Araújo, Dr. Carlos Agra, Capitão João de Sá, Marcílio Dias, Deputado José Tavares, Pedro Álvares Cabral, Cristóvão Colombo, Peregrino de Carvalho, Dr. Antônio de Sá e Manoel Farias Leite. (Figura 07 e 08)

Figura 07 - Localização da Feira Central na malha urbana de Campina Grande



Fonte: COSTA, A. A. (2003)

Figura 08 - Imagem com localização das ruas ocupadas pela Feira Central de Campina Grande.



- 1- Rua Dr. Antônio de Sá
- 2 - Rua Critóvão Colombo
- 3 - Rua Pedro Álvares Cabral
- 4 - Rua Manuel Pereira de Araújo
- 5 - Rua Deputado José Tavares
- 6 - Rua Manuel Farias Leite
- 7 - Rua Macílio Dias
- 8 - Rua Dr. Carlos Agra

Fonte: Google Earth

Assim, a Feira Central de Campina Grande, foi de grande importância para o progresso da cidade, como também das regiões circunvizinhas e continua sendo local de desenvolvimento cultural, social, político e econômico.

3. DIMENSÃO HOLÍSTICA DA PAISAGEM COMO CATEGORIA GEOGRÁFICA.

A ciência geográfica oferece ferramentas para se obter uma análise mais apurada da sociedade. Através das categorias geográficas, é possível focar o olhar na compreensão dos elementos que integram a espacialidade humana, uma vez que, a paisagem se configura como um componente primordial para a pesquisa geográfica, pois, constitui-se como um produto final das relações sociais intermediadas pelas técnicas, posto que o ser humano interage nesse espaço, deixando rastros das técnicas, culturas, relações sociais e da divisão do trabalho através das formas. Desta maneira, pode-se entender que “paisagem pode conter um contexto emotivo, estético, intrinsecamente subjetivo do próprio fato”. (TRICART,1981 *apud* SILVEIRA, 2009).

O conceito de paisagem ao longo do pensamento geográfico e das diversas correntes teóricas passou por várias redefinições, no que se diz respeito a sua abrangência e significado. Ideias lhes foram sendo incorporadas o que o tornou mais completo e complexo ao mesmo tempo. Neste sentido, é possível perceber que percepções pretéritas que se tinha da paisagem estática de um ambiente observado já não procede, após discussões e estudos pode-se compreender que ela é dinâmica na sua produção, representação e expansão espacial.

A paisagem não abrange somente o que os olhos alcançam, mas também o que está na percepção de outros sentidos. Para entendê-la na totalidade, é preciso vivenciá-la, conhecer seus agentes transformadores, e assim, compreender sua história e os motivos pelos quais elementos do passado coexistem com formas contemporâneas do contexto atual. “composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. (MEINIG, 2002, p.35)

Se observarmos a Feira Central através de suas paisagens é possível enxergar sua história, as fases em que a mesma passou por mudanças em sua arquitetura, entender como formas do passado que anteriormente atendia a determinadas funções já não atendem as funções hodiernas ou foram atualmente se remodelando para atender as novas lógicas funcionais, tal como Santos (1988, p. 23), afirma:

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos.

A Feira Central tem resistido até os dias atuais pela força que o passado remonta ao presente, pois, elementos que outrora faziam parte de um conjunto de obras arquitetônicas luxuosas e expressavam a riqueza de uma época, apresentam outras funcionalidades para que assim atendam as necessidades presentes.

A paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas e formas virgens. As primeiras estão à espera de uma reutilização, que pode até acontecer; as segundas são adrede criadas para novas funções, para receber inovações. [...] são poucas as funções capazes de criar novas formas, e é por isso mais comum o uso das preexistentes através de uma readaptação. [...] que se instalam em antigos casarões ou prédios deixados por outras atividades com readaptação de formas velhas para novas funções. (SANTOS, 1988, p.25)

Embora muitas edificações estejam em uso, como os armazéns, é perceptível o estágio de degradação em que se encontram, uma vez que um dos monumentos mais famosos em arquitetura *Déco*, que carrega em sua estrutura vestígios da história de Campina Grande, hoje, se encontra sob total descaso, a ponto de ter sido deteriorado pela ação do tempo, não estando em condições funcionais sob nenhum aspecto. O Cassino El Dourado (Figura 09) está praticamente demolido, restando em pé apenas parte da fachada sustentada por vigas de madeira.

Fotografia 09 - Parte da fachada do Cassino El Dourado sustentada por vigas.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Figura 10 – Fachada do cassino El Dorado ainda completa, mas apresentando o descaso em sua estrutura.



Fonte: Google Maps. Captura em nov. 2011.

A estrutura arquitetônica do cassino El Dorado, compõe um objeto de destaque, no referencial do *Art Déco* na Feira Central, é um patrimônio material, como aponta Choay (2006, p. 125) “pertencem a uma ordem de ideias e de sentimentos eminentemente nacionais que, contudo, não mais se renovam” passando a existir baseado no decreto de remodelação, higienização popularmente conhecido como bota abaixo comandado pelo então Prefeito Vergniaud Wanderley, como uma forma de esbanjar glamour e modernização de uma elite local que tentava demonstrar o requinte das elites europeias.

Pensando na Feira Central de Campina Grande, como um espaço condutor de cultura de um passado que nos lembra uma parte da nossa história, o Cassino El Dorado não é a única herança arquitetônica do *Art Déco*, todavia, há outras edificações que com um estilo mais simples, algumas se configurando como o “*Art Déco Sertanejo*”, assim como nomeia Rossi (2010).

O *Art Déco* se caracteriza por linhas retas, formas geométricas e estilo abstrato. Recebe influência do cubismo, importante movimento que surge na França e tem esse caráter de representar figuras com todos os seus ângulos em um mesmo plano; e do futurismo que representava o conceito abstrato, muito defendido pelos designers. Surge no Brasil durante as décadas de 1930 a 1950, partindo do movimento de transformações urbanas metropolitanas, com o propósito de expulsar os pobres, de alargar as ruas e demolir prédios, ações bem características da época, Rossi, (1994, p.91) aponta “lamentamos a destruição do colonial eclético que ocupava seu lugar até o início dos anos 40. Acreditamos, como Aloísio Magalhães, que patrimônio não é eliminatório; é somatório”.

O *Art Déco* foi um estilo artístico bastante luxuoso que utilizava materiais requintados na composição de suas obras, não se resumia apenas a uma estética para a arquitetura, mas também, para o design industrial, mobiliário, modas e decorações, que seriam produzidos apenas para uma parcela da população que tivesse maior valor aquisitivo na época de 1920. No entanto, quando o *Art Déco* começa a ganhar uma proporção maior de consumo enquanto arquitetura, como conceitua Correia (2008)

O Art déco revelou-se uma linguagem acessível às elites, às classe médias e às classes populares. Na arquitetura, a partir de construções de maior porte, o vocabulário conquistou o gosto popular e disseminou-se em grandes e pequenas residências e em prédios comerciais. Suas linhas geometrizadas – especialmente os volumes, os vãos e as superfícies escalonadas – popularizaram-se em cidades grandes e pequenas, convertendo-se em marco do cenário urbano brasileiro das décadas de 1930 e 1940.

O requinte de sua matéria prima perde espaço para materiais que pudessem ser usados na produção em larga escala, alcançando outros públicos. Com o intuito de trazer modernização para as cidades suas características estruturais consistem:

[...] na produção de construções leves, de formas suaves, em que a tônica era o emprego de arredondamento dos ângulos, o uso de cores suaves, tipo pastel, e de relevos geométricos, portanto, abstratos empregados não como complementos, mas como parte integrante da concepção da obra arquitetônica. (WEIMER, 2017, p.12)

Nesse sentido, a Feira Central ergueu suas edificações no estilo arquitetônico vigente da época a partir do momento favorável economicamente que a mesma vivia, posto que, inicialmente, o seu espaço se constituía como uma periferia, afastada do centro comercial, com a presença de currais e ausência de construções. Assim, é imprescindível que as estruturas que compõe o acervo da arquitetura em *Déco*, que resiste na contemporaneidade, sejam conhecidas pela população, como também preservadas, por se estabelecer elementos históricos e culturais de Campina Grande.

Ao se entender que a Feira de Campina Grande é um objeto geográfico não apenas econômico, mas, sobretudo cultural pois a cultura implica em tudo aquilo que a humanidade produz ao longo do tempo da sua existência. É aquilo que o homem cria, seja material ou imaterial. Exprime, também, as diversas maneiras pelo qual os homens estabelecem relações entre si concomitantemente com a natureza. É, portanto, um conjunto de símbolos produzido por um povo em um determinado tempo e espaço. Pela sua infinita possibilidade, as culturas são diversas, múltiplas e distintas (ARANHA, 2002).

O conceito de cultura alcança toda a vivência de um povo, abrangendo assim suas relações com o concreto e com o não concreto. Podemos citar a Rua Manoel Pereira de Araújo, como exemplo da existência dos dois patrimônios: o material e o imaterial. Segundo Silvestre (2012), patrimônio consiste na identidade coletiva de um povo, a memória da nossa

cultura. Portanto, além das relações sociais dos indivíduos a construção do famoso cassino El Dorado, lugar que obteve seu ápice na época em que o algodão era considerado ouro branco, servia para o lazer dos empresários ricos. Sua estrutura luxuosa era composta pelo *Art Déco*, composta por concreto armado, com linhas mais retas e formas retangulares bem marcadas. Outra construção que se destacava em meio a Feira Central era o edifício “Pau do Meio” cujo pavimento superior em estilo *Déco* era referência em meio a uma grande área com poucas construções. (Figura 10)

Fotografia 11. - Casarão mais antigo da Feira Central, denominado de Pau do Meio



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Hoje este edifício se encontra em total abandono, sendo habitada por pessoas sem moradias que se aproveitaram da estrutura para se abrigar, pois a Feira se constitui atualmente nesse espaço, no qual a população excluída luta por este direito a cidade. Sem outra alternativa para morar esta população se abriga nesse local, desconsiderando o perigo que esta estrutura abandonada lhes oferece, uma vez que, com a ausência da manutenção necessária o prédio se encontra totalmente deteriorado.

É um espaço que, como quase toda a área da Feira Central, encontra-se num processo que Corrêa (2003) denomina de “marginalização espacial”, pois, por “Razões econômicas, políticas ou cultural podem alterar sua importância e, no limite, marginalizá-lo, deixando-o à margem da rede de lugares a que se vinculava” (CORRÊA, 2003, p. 40).

Neste sentido, não apenas o conceito de paisagem, agregando formas e funções, mas também a ideia de marginalização espacial, entendida como “o valor atribuído a um lugar

[que] pode variar ao longo do tempo” (CORRÊA, 2003, p. 40), ajudam a entender estes espaços que no passado se constituíam em áreas de “seletividade espacial” (CORRÊA, 2003, p. 46) e que no presente encontram-se marginalizadas.

4. A PAISAGEM DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA FEIRA CENTRAL.

As políticas de proteção ao patrimônio histórico passaram ao longo dos anos por uma construção de ideais que tinham a finalidade de preservar o passado, incentivadas pelo governo com a intenção de padronizar as práticas da sociedade. Contudo de acordo com (LEITE, 2007) era conveniente à concepção de um órgão (SPHAN) para assim, conscientizar o país sobre a importância de uma compreensão patrimonial palpável, em que eram valorizados apenas monumentos e edificações. Pretendia-se inicialmente a “restauração arquitetônica de cunho fachadista dos bens imóveis” (LEITE, 2007, p. 51).

Essas políticas fizeram parte do governo Vargas (1937-1945), que buscava cuidar do “patrimônio edificado” como nomeia Araújo (2007, p. 31) associados a um discurso estético e modernista, na intenção de burlar a realidade, ocultando aspectos da história brasileira, para que assim, houvesse um entendimento unificado sobre o passado. Desta forma, além da estética, para ser considerado patrimônio, as edificações sugeridas teriam que estar inseridas em um contexto de poder, deixando encobertas o que estava fora dessa conjuntura, para isso, Araujo (2004, p. 30) ressalta:

Nesse período em relação à política preservacionista levada em conta pelo SPHAN-Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é que tal órgão, desde a sua criação em 1937 deixou um saldo de bens imóveis tombados, referentes a setores dominantes da sociedade brasileira, como por exemplo, fortes militares, igrejas, barracas, casas-grandes, sobrados coloniais, enquanto senzalas, quilombos, vilas operárias e cortiços foram “esquecidos”.

O período da década de 70 foi marcado pela descentralização da responsabilidade de preservação e manutenção do patrimônio nacional pelo IPHAN, haja vista, a extensa demanda que o órgão possuía. Assim, essa distribuição pretendeu envolver outras esferas do poder público, com o intuito de criar ramificações estaduais e municipais que oferecessem suporte nesse processo de resgate ao passado. A partir deste momento novas diretrizes foram sendo incorporadas ao conceito de preservação patrimonial, permitindo, assim, uma flexibilização de concepções pretéritas.

Assim, inovações foram sendo fomentadas sobre como resguardar o patrimônio, uma vez que, já não havia mais recursos financeiros disponíveis para conservá-lo. Deste modo, a estratégia foi condicionar o patrimônio ao turismo, como uma forma de atribuir valor

econômico ao que já tinha importância histórica. Freitas (1992, p.134) *apud* Leite (2007, p. 55) enfatiza, “[...] uma nova prática em que os problemas inerentes a atividades de preservação eram compreendidos a partir de perspectiva integrada, que também abrangia critérios econômicos e sociais”.

Nesse contexto, foi na década de 90 que as políticas patrimoniais foram aprimoradas, incorporando os bens imateriais como parte indispensável para uma compreensão de valor subjetivo, mas que traz significações da identidade de um povo.

Dentro da perspectiva de paisagem cultural é possível considerar os aspectos materiais e imateriais. O primeiro é representado por imagens, objetos, edificações e pode ser palpado, já o seguinte aspecto é vivenciado, entendido como costumes e práticas de uma comunidade. Desta forma, o patrimônio cultural

Podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global como regional e local, tantos aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos. (CORRÊA,2007, p.13)

Na escala municipal é possível considerar a Feira Central de Campina Grande um berço cultural, pois nela está contido o processo de origem da cidade junto aos seus agentes dinamizadores do espaço.

Desta forma, o pedido de reconhecimento da Feira Central como Patrimônio Cultural Imaterial foi realizado em 2007. Segundo IPHAN (2018) “O pedido de reconhecimento pelo Instituto foi feito formalmente há dez anos, em uma articulação entre a Prefeitura Municipal de Campina Grande e grupos de feirantes e fregueses”. Surgindo a partir desse momento um longo processo para elencar documentos e informações que pudessem contribuir na obtenção desse título. Nesse processo fez-se necessário a realização de inspeção na localidade para a construção do inventário, que ratificaria a importância da Feira culturalmente. Contudo, só veio acontecer em 2009, através de requerimento emitido pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, Araújo reitera que

Para além do requerimento, o processo encaminhado ao Instituto contém um breve dossiê de toda a produção artística, cultural e literária existente na feira central, assim como assinaturas coletadas junto à população residente, um abaixoassinado que foi constituído com o apoio de todas as entidades parceiras da prefeitura neste processo. (ARAÚJO, 2013, p. 1)

No referido ano, tomou-se conhecimento de um projeto idealizado pela própria prefeitura, que visava revitalizar a Feira, com uma visão de espaços higienizados e reorganizados, desqualificado o caráter informal e singular que a mesma possui, ARAÚJO

(2013) aponta que para conservar a essência da Feira “ é preciso manter o estímulo aos seus sentidos sensoriais: os sons, os cheiros, as cores e os sabores.

Partindo deste pressuposto, o ato de requalificar a Feira descaracteriza a mesma, nesse sentido, em 2011 o IPHAN não aprova-o e arquiva o processo de reconhecimento que estava em andamento, devido ao descumprimento do governo municipal da época em não realizar a pesquisa que embasaria o projeto.

Diante da modernização que as cidades vêm passando a feira não perdeu o seu valor, ao contrário, tem subsistido. Compreendendo a sua singularidade destacada em estudos científicos, reportagens e verificação da própria história do município à Feira, foi atribuído em 2017 o título de patrimônio cultural do Brasil.

O registro da Feira de Campina Grande como Patrimônio Cultural do Brasil foi deliberado em 27 de setembro de 2017, pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. O bem imaterial foi inscrito, pelo Iphan, no Livro de Registro dos Lugares. (IPHAN, 2018)

A importância desse reconhecimento é de grande valia para a história da cidade, pois permite que haja uma narrativa pretérita a ser conhecida e entendida, interligando gerações, como também, a preservação de tais recursos que se é herdado.

As imagens que se seguem tem o objetivo, não de teorizar sobre as paisagens presentes na Feira Central, mas de um registro desse patrimônio cultural no qual o estilo *Déco* é marcante e encontra-se abandonado, correndo o sério risco de desaparecer da paisagem e da memória coletiva da cidade.

Fotografia 12 - Fachada principal localizada na rua Dr. Carlos Agra, S/Nº



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 13 - Fachada lateral na rua Manoel Pereira de Araújo, S/N°



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Trata-se do mesmo edifício da figura 11, que fica na esquina das ruas Dr. Carlos Agra com Manoel Pereira de Araújo.

Fotografia 14 - Edificações localizadas na Rua Manoel Pereira de Araújo, n° 312 (a direita) e 320 (a esquerda).



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 15 - Edificação localizada na Rua Manoel Pereira de Araújo, nº 333 e prédio vizinho sem número



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 16 - Edificação com fachada em decadência, S/N.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 17 - Edificação em total decadência, com os traços na arquitetura Déco quase imperceptível, localizada na Rua Manoel Pereira de Araújo, S/N.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 18 - Fachada bem conservada da arquitetura em Déco, localizada na Rua Manoel Pereira de Araújo, nº 376.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 19 - Edificação localizada na Rua Manoel Pereira de Araújo N° 386, ao lado edificação parcialmente alterada, mas com a presença da arquitetura em Déco no topo, S/N



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 20 - Edificação localizada na Rua Manoel Pereira de Araújo, n° 405, encoberta por bancos de madeira com telhados de amianto, na feira de galinha.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 21 - Fachada com traços de abandono, localizada na Rua Manoel Pereira de Araújo, n° 475.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 22 - Edificação localizada na Rua Manoel Pereira de Araújo n ° 472



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

É possível observar que alguns armazéns tem se modernizado enquanto estruturas, as fachadas conservam os traços em *Déco*, porém, encontram-se parcialmente modificadas do estilo original, aderindo a revestimentos em cerâmicas, como também, há aquelas que desapareceram enquanto fachada, apagando uma parte do acervo arquitetônico existente.

Fotografia 23 - Prédio localizado na Rua Pedro Alvares Cabral, N° 93, revestido por cerâmicas, porém mantendo a mesma forma, é possível enxergar a composição da arquitetura Déco presente na estrutura.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 24 - Prédio guardando traços do Art Déco, alterado pelo revestimento em Cerâmica, localizado na Rua Marcílio Dias, N° 188.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Figura 25 - Fachada com a presença da arquitetura em Déco, localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, Nº 87.



Fonte: Google Maps. Captura em dez. 2015.

Figura 26 - Lateral da fachada da edificação com a proximidade de outra estrutura em Déco, localizado na Rua Dr. Carlos Agra, Nº 87.



Fonte: Google Maps. Captura em nov. 2011.

Figura 27 - Lateral da fachada da edificação com a proximidade de outra estrutura em Déco, localizado na Rua Dr. Carlos Agra, Nº 87.



Fonte: Google Maps. Captura em nov. 2011.

Fotografia 28 – Atualmente (2019), lateral da fachada da edificação com a proximidade de outra estrutura em Déco, localizado na Rua Dr. Carlos Agra, Nº 87.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 29 - Fachadas totalmente modificadas (tanto da esquerda como da direita) com a presença de revestimentos em cerâmica, localizadas nas ruas Pedro Álvares Cabral e Dr. Carlos Agra.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 30 - Lateral da edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, N° 246.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 31 - Edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, Nº 86.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 32 - Edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, S/N.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 33 - Edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, Nº104.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 34 - Edificações localizadas na Rua Pedro Álvares Cabral, Nº 29 e Nº 35, respectivamente.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 35 - Fachada de edificação com a presença de formas geométricas, umas das características da arquitetura Déco, localizada na Rua Pedro Alvares Cabral, N° 90



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 36 - Edificação em total abandono, com marcas de pichação, localizada na Rua Pedro Alvares Cabral, N° 202.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 37 - Parte inferior da edificação com a presença de pichação, localizada na Rua Pedro Alvares Cabral, N° 202.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

É perceptível o abandono da edificação representada nas figuras 33 e 34 apresentando traços de descuido, estando de pé apenas à estrutura externa, assim como a do El Dourado. Diante da distribuição dos bancos de venda da feira, fica impossível ter uma visão completa da estrutura, por isso justifica-se que muitas representações em *Déco* ficam encoberta por banners de lojas e pelos bancos de madeira presentes em toda a feira.

Fotografia 38 - Edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, N° 208.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 39 - Edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, N° 234 e N°228, respectivamente.



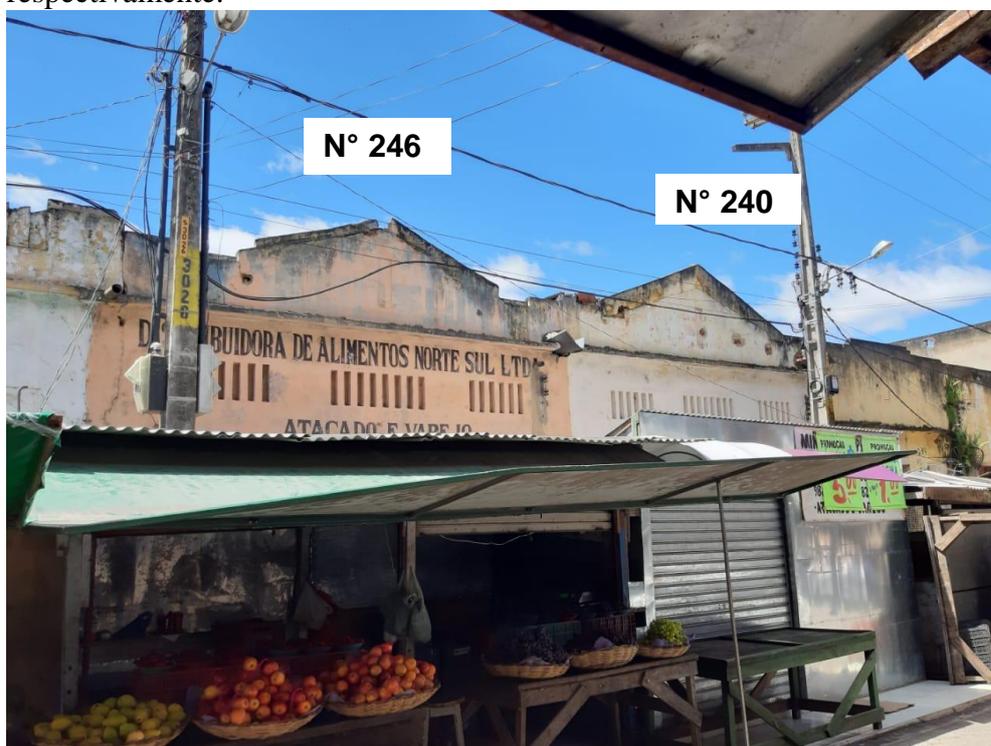
Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 40 - Edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, N° 258.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 41 - Edificações localizadas na Rua Pedro Álvares Cabral, N° 246 e N° 240, respectivamente.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 39 - Edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, Nº 274.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 40- Edificação localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, Nº 286 A e B.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 41 - Lateral da fachada da edificação localizada na esquina entre as Ruas Pedro Alvares Cabral e Marcilio Dias, Nº 148.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 42 - Edificação localizada na Rua Marcilio Dias, Nº 148.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Prédio destacado nas figuras 43, 44 e 45 após ser requalificado com a pintura, realça a beleza de uma época se sobressaindo dentro do ambiente atual da Feira. Após a captura dessa imagem, o prédio ganhou propaganda na sua fachada e funciona como lanchonete de salgados.

Fotografia 43 - Parte inferior da edificação localizada na Rua Marcílio Dias, Nº 148.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 44 - Edificação localizada na Rua Marcílio Dias, N° 158



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 45 - Edificação localizada na Rua Marcílio Dias, N° 181.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 46 - Edificações localizadas na Rua Marcílio Dias, Nº 187 e S/N.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 47 - Edificação localizada na Rua Marcílio Dias, esquina com a Rua Manoel Pereira de Araújo, S/N.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 48 - Fachada de residência bem conservada, localizada na Rua Marcílio Dias, Nº 270.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 49 - Armazém localizado na Rua Dr. Carlos Agra, S/N, ao lado do armazém nº 58.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 50 - Armazém localizado na Rua Dr. Carlos Agra, Nº 58.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 51 - Lateral do Mercado Novo, construído no ano de 1939, nota-se a presença da arquitetura Déco na fachada, localizada na Rua Dr. Carlos Agra.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 52 - Armazém localizado na Rua Dr. Carlos Agra, Nº 103.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 53 - Edificação em total abandono, apenas com estruturas externas erguidas, localizada na Rua Dr. Carlos Agra, Nº 137.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 54 - Armazém localizado na Rua Manoel Farias Leite (feira de flores), Nº 58 B.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 55 - Edificações localizadas na Rua Cristovão Colombo, Nº 232 e Nº 228



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 56 - Edificação localizada na Rua Cristovão Colombo, Nº 242.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019

Fotografia 57 - Edificação localizada na Rua Cristovão Colombo, Nº 246



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 58 - Edificação localizada na Rua Cristovão Colombo, Nº 114.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 59 – Edificação localizada na rua Cristovão Colombo, S/N.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 60 - Edificação localizada na Rua Cristovão Colombo, Nº 85.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 61 - Edificação localizada na Rua Cristovão Colombo, Nº 84.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 62 - Edificação localizada na Rua Cristovão Colombo, Nº 78



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 63 - Edificação localizada na Rua Cristovão Colombo, S/N.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 64 - Edificações localizadas na Rua Cristovão Colombo, N° 46, S/N, N° 36, respectivamente.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 65. Edificação localizada na Rua Cristóvão Colombo, Nº 32.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 66- Edificação localizada nas Ruas Cristóvão Colombo e Quebra Quilos, Nº 242.



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Fotografia 67. Edificações localizada na Rua Quebra Quilos, N° 316 (a esquerda) e 306 (a direita).



Fonte: OLIVEIRA, Dione, 2019.

Nas palavras de Santos (1988) O envelhecimento dos elementos, tanto físico quanto social, ocorre quando a estrutura que o compõe é desgastada pela ação do tempo e de cuidados, já a social é causada pela desvalorização do ambiente. Uma vez que houve o declínio da economia algodoeira o Cassino El Dourado já não abarcaria mais a elite dos grandes empresários, seguindo assim o modelo da época vigente e na atual situação perdendo sua funcionalidade.

Situação semelhante ocorre com as demais edificações, construídas para atender a um comércio atacadista forte que se beneficiava da centralidade proporcionada pela feira, cujo raio de alcance máximo abarcava municípios circunvizinhos e extrapolavam os limites estaduais através dos fluxos proporcionados pelos caminhões. Hoje, mediante um meio técnico-científico-informacional que provoca o “curto-circuito” da hierarquia urbana e das modernizações presentes no mercado, tais fixos perdem a funcionalidade para as quais as formas foram criadas para acolhê-los (SANTOS, 1988).

A arquitetura em estilo *Déco* que foi símbolo de modernidade é hoje herança de uma antiga divisão do trabalho que, quando não se adaptou a funções do presente, constituindo-se em perfeito exemplo de rugosidade, transforma-se em ruínas, demonstrando a mais cruel prática de marginalização espacial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Feira é um espaço de socialização e de vivências, que se configura dentro de uma perspectiva de Patrimônio Cultural Material e Imaterial por sua construção arquitetônica em *Déco* advinda dos anos 40 e pelos processos relacionais e de costumes reproduzidos nesse espaço. No interior da Feira há um acervo arquitetônico da época em que a mesma era sinônimo de prestígio, esse período foi marcado por construções que marcaram a paisagem urbana em um estilo caracterizado por formas geométricas articuladas entre si, o abstratismo e linhas retas.

Embora o *Déco* presente na Feira seja mais simples, pois os materiais utilizados nas fachadas eram mais baratos, o espaço em que hoje a Feira Central de Campina Grande está localizada era no passado pouco habitado, constituindo-se numa periferia na qual houve a antecipação espacial do Mercado Novo, que ao ser construído atraiu para as imediações o comércio dando uma nova configuração espacial ao local. Casarões e armazéns foram também construídos com fachadas em arquitetura *Déco*. Atualmente essas edificações ainda estão presentes na feira, mas sem nenhum trabalho de conservação realizado pelo poder público.

Nesse sentido, a Feira se enquadra em um contexto de patrimonialização cultural do que é intangível, ou seja, os fazeres e viveres da identidade de um povo dentro de uma paisagem que não é estática, mas que recebe seu valor através desses agentes que assim a compõem. Entretanto, o imaterial não se aparta do material, entendendo que se complementam entre si. Apesar disto, é percebido que o espaço composto pela Feira Central, através de suas edificações não sido notado como parte contribuinte que corrobora nos elementos cheio de vivências e significados. Desta forma, não é aplicado nenhuma política patrimonial que salvegarde o Patrimônio Material presente neste espaço, uma vez que, não há nenhum zelo ou projeto que restaurem as estruturas sem descaracterizar a dinâmica da Feira, mas o que se é observado são fachadas modificadas, devido a não ter nada que as resguarde.

Mediante a pesquisa realizada foi possível analisar que alguns desses prédios estão sem uso algum, onde é perceptível que apenas as fachadas estão de pé, local de total insalubridade, como é o caso do cassino El Dorado e o Pau do Meio (o casarão mais antigo presente na feira). Por outro lado existem aqueles que são utilizados para fins comerciais e possuem uma boa conservação, feita na esfera particular, sem nenhuma alteração de suas formas na fachada.

Dentro das observações em campo, houve a dificuldade de conseguir enxergar a estrutura completa dos armazéns e casarões, devido à dinâmica que a feira está inserida, onde bancos se instalaram em frente às edificações; os enormes letreiros e banners também dificultam a visualização dos elementos que compõe o *Art' Déco*.

Entendendo que as edificações são resultados de uma época muito favorável da economia de Campina Grande e, por causa desse crescimento econômico a cidade ganha visibilidade inclusive na esfera cultural, assim como outros centros enobrecidos e conhecidos pelo acervo arquitetônico como é o exemplo do Recife Antigo, que recebem turistas, os quais subsidia a economia local, aqui se indaga: qual o motivo pelo qual a Feira Central de Campina Grande ainda permanece nesse estado de abandono e de degradação enquanto estrutura física? Considerando toda a sua importância histórica, em estudos e reportagens atuais, e depois de ser consagrada Patrimônio Cultural do Brasil, o que falta para que a Feira receba a atenção devida do poder público municipal e estadual? Se reconhecimento a Feira já tem, falta-lhe dar a visibilidade merecida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 1998.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Feira livre: memória “viva” da cultura do povo campinense, ao final do século XX**. Campina Grande. Ed. Agenda, 2004.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Requalificação espacial e Elaboração de Inventário imaterial: duas experiências em andamento na centenária Feira Central de Campina Grande – PB**, 2013.

Disponível em: <[https:// http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/475_trabalho.pdf](https://http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/475_trabalho.pdf)>

Acesso em: 16 dez. 2019.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Traduzido por: Luciano Vieira Machado. São Paulo. Ed. UNESP, 2006. p. 125-205. Tradução de L'allégorie du patrimoine.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 9-17.

CORREIA, Telma de Barros; **Art déco e indústria – Brasil, décadas de 1930 e 1940**. vol.16. Jul/Dez. 2008. São Paulo

Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142008000200003>>

> Acesso em: 16 dez. 2019.

COSTA, Antônio Albuquerque de. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse projeto**. UFPE. Recife-2003.

IBGE 2010; Disponível em:

<<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=&codmun=250400&search=paraiba/campina-grande/infograficos:-dados-gerais-do-municipio>> Acesso em: 28 fev. 2013.

IPHAN 2018; Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/pb/noticias/detalhes/4689/feira-de-campina-grande-pb-recebe-titulo-de-patrimonio-cultural-do-brasil>> Acesso em: 30 jul. 2019.

LEITE, Rogério Proença. **Contra usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2 Ed. Campinas. Unicamp e UFS, 2007.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, V. 13. p. 35-46. Jan-jun 2002.

Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7424/5380>>

Acesso em: 18 de junho de 2019.

ROSSI, Lia Mônica. **Art Déco Sertanejo**. Disponível em:

<http://www.hidro.ufcg.edu.br/patrimoniocg/biblioteca_site_probex/ROSSI_Lia_Art_Deco_sertanejo_Design_Interiores_Sao_Paulo_n_4_1994.pdf> Acesso em: 18 de junho de 2019.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SILVA, Gilbran Kalil Vitaline da; QUINTELLA, Nathália Araújo. **Outros olhares de um mesmo cotidiano**: faces da Feira Central de Campina Grande. 2012. p. 28. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB, Campina Grande.

SILVEIRA, Emerson Lizandro Dias. **Paisagem**: um conceito chave na geografia, 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/23.pdf>> Acesso em: 30 de abril de 2019.

SILVESTRE, Sérgerson. **Cultura, turismo e desenvolvimento**. 19-20 de set. 2012. Notas de aula.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território; sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e temas**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 77-116.

SOUZA, Marcelo Lopes. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2003. p. 93-102.

WEIMER, Günter. O conceito de ART DÉCO. **Revista UFG**, v. 12, n. 8, 1 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48294>> Acesso em: 18 de junho de 2019